

Recebido: 28-02-2022 | Aprovado: 20-06-2022 | DOI: <https://doi.org/10.23882/rmd.23107>

# Inventário de Aliança Parental (PAI): Características psicométricas com famílias em risco psicossocial

## Parenting Alliance Inventory (PAI): Psychometric properties in at psychosocial risk families

**Cristina Nunes**, Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve (csnunes@ualg.pt)

**Lara Ayala-Nunes**, Department of Psychiatry, University of Oxford, Warneford Hospital  
(lara.ayala88@gmail.com)

**Pedro Pechorro**, Escola de Psicologia, Universidade do Minho (ppechorro@gmail.com)

**Mariana Dias**, Universidade do Algarve (marianagomesdias@gmail.com)

**Laura Inês Ferreira**, Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve  
(liferreira@ualg.pt)

**Cátia Martins**, Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve  
(csmartins@ualg.pt)

**Resumo:** A aliança parental diz respeito ao grau de cooperação existente entre os progenitores na educação das crianças. É uma dimensão fundamental para o funcionamento familiar adequado, particularmente em famílias em risco, que enfrentam desafios acrescidos. Esta investigação teve como objetivo validar e examinar as características psicométricas do Inventário de Aliança Parental (PAI), uma das medidas mais utilizadas para avaliar este constructo, utilizando uma amostra de famílias portuguesas em risco psicossocial. Participaram 273 famílias com crianças recetoras de medidas de apoio e proteção, residentes no Algarve. Os progenitores preencheram o PAI e outros instrumentos destinados à avaliação das competências parentais e do stresse parental. A análise fatorial confirmatória replicou a versão unidimensional da escala original, com bons indicadores psicométricos de consistência interna e validade de constructo. Os resultados corroboram a utilidade e confiabilidade do PAI como uma medida fiável que poderá auxiliar os técnicos dos serviços de preservação familiar.

**Palavras-chave:** Aliança Parental, Análise Fatorial Confirmatória, Em Risco, Família, Psicossocial.

**Abstract:** Parenting alliance concerns the degree of cooperation between the caregivers regarding child-rearing. It is a key dimension for an adequate family functioning, particularly in at-risk families, who face increased challenges. This investigation aimed to validate and examine the psychometric properties of the

Parenting Alliance Inventory (PAI), one of the most used measures to assess this construct, using a sample of Portuguese families at psychosocial risk. 273 families of the Algarve whose children received promotion and protection measures were included. Parents filled the PAI and other instruments to evaluate their parenting competence and stress. The confirmatory factor analysis replicated the unidimensional structure of the original version, with good psychometric characteristics in terms of internal consistency and construct validity. Our findings confirm the usefulness of the PAI as a reliable measure that may assist family preservation services practitioners.

**Keywords:** At-risk, Confirmatory Factor Analysis, Family, Parenting Alliance, Psychosocial.

## **Introdução**

A aliança parental refere-se ao grau de compromisso e cooperação entre os pais para a educação e prestação de cuidados aos filhos (Abidin & Brunner, 1995), englobando as componentes interpessoais de entreajuda, comunicação e envolvimento por parte dos dois progenitores no exercício da parentalidade (Feinberg, 2002; Kwan et al., 2015). Este construto tem sido associado ao funcionamento e ajustamento familiar e infantil (Camisasca et al., 2015; Margolin et al., 2001; Morrill et al., 2010), com repercussões no estilo de vinculação da criança e o aparecimento de problemas de comportamento na infância (McDaniel et al., 2017). Considerando os desafios que as famílias têm na atualidade (e.g., Gonçalves et al., 2019; Rocha & Nunes, 2021), a existência de entreajuda e comunicação parecem ser ingredientes de relevo no seu quotidiano.

Uma aliança parental coesa parece fornecer aos pais os recursos necessários para exercer as suas funções parentais de forma eficaz e de modo a que coordenem os seus papéis parentais em benefício da criança (Behnke et al., 2008; Feinberg, 2002; Menéndez et al., 2011) e, simultaneamente, a coesão de todo o sistema familiar (García-Méndez et al., 2006). A forma como os pais organizam em conjunto o cuidado à criança está significativamente relacionada com o ajustamento psicossocial da mesma, o que leva a considerar a aliança parental como um preditor significativo do ajustamento psicológico da criança (Barreto et al., 2019; Teubert & Pinquart, 2010).

A literatura científica na área tem mostrado evidências de uma forte relação de influência mútua entre a qualidade do relacionamento conjugal e a percepção de aliança parental (Kwan et al., 2015; Margolin et al., 2001). Posto isto, níveis inferiores de aliança parental surgem, muitas vezes, associados a baixa satisfação na conjugalidade. Nestes casos, tem-se vindo a verificar um efeito de contágio nos pais, embora não nas mães, no qual os problemas de casal acabam por afetar o desempenho do papel parental, com menor envolvimento e um estilo menos democrático (Camisasca et al., 2019; Morril et al., 2010). Por sua vez, a baixa qualidade da relação de casal (tanto como cônjuges como enquanto pais) aparece frequentemente relacionada com perturbações no comportamento das crianças, menor bem-estar psicológico, baixo desempenho académico e apego à família (Camisasca et al., 2019; McDaniel et al., 2017; Teubert & Piquart, 2010).

Estas inter-relações adquirem especial importância nas famílias em risco psicossocial que, por circunstâncias diversas, tanto pessoais como ambientais, não conseguem assegurar adequadamente o desenvolvimento e o bem-estar da criança (Nunes et al., 2019). Estas famílias estão expostas a um elevado número de fatores de risco que aumentam os seus níveis de stresse, diminuindo a satisfação marital, aspetos que influenciam a aliança parental (Ayala-Nunes et al., 2016; Ayala-Nunes et al., 2017; Belsky & Jafee, 2015).

Por outro lado, uma forte aliança parental, após uma separação ou divórcio, está associada a um maior envolvimento paterno, o que mitiga os efeitos negativos da dissolução do relacionamento dos pais. Nos casos de famílias em risco psicossocial, que são mais propensas a sofrer a dissolução dos relacionamentos, uma forte aliança parental após a separação é particularmente importante (Rodrigo et al., 2007). Ayala-Nunes e colegas (2014) conduziram uma investigação com 80 mães de uma amostra em risco psicossocial portuguesa, com o intuito de examinar a relação entre a aliança parental e outros variáveis relacionados com fatores socioeconómicos, familiares e da criança. Os resultados deste estudo mostraram que uma baixa aliança parental está negativamente associada ao número de filhos e positivamente associada a maior insatisfação na relação conjugal, mais conflitos entre o casal e menor envolvimento na parentalidade. Estes dados apontam para a necessidade de uma maior análise da aliança parental no contexto português (Ayala-

Nunes et al., 2014), para que possa haver uma intervenção adequada em todos os domínios deficitários do funcionamento destas famílias em risco.

Além disso, a aliança parental figura, assim, como uma dimensão relevante na ecologia parental e útil tanto para o estudo do sistema familiar como para avaliar as necessidades de apoio e intervenção, sendo necessário que investigadores e profissionais disponham de instrumentos válidos, fiáveis e adaptados à população portuguesa.

No entanto, existem poucos instrumentos validados para a população portuguesa que avaliem a aliança parental ou a coparentalidade. Encontrámos apenas três publicados: uma versão reduzida com seis itens do Parenting Alliance Measure (PAM, Abidin & Konold, 1999) realizada por Lamela e colegas (2013), uma adaptação do Coparenting Questionnaire (Margolin et al., 2001) realizada por Pedro e Ribeiro (2015) e uma versão preliminar de Pinheiro e Lemos (2013) do Parenting Alliance Inventory (PAI), todas realizadas com população geral.

O PAI, desenvolvido por Abidin e Brunner (1995), é um instrumento de autorrelato que avalia a aliança parental e a relação de apoio e confiança que existe no casal como progenitores. É composto por 20 itens avaliados numa escala de Likert do 1 (“discordo muito”) ao 5 (“concordo muito”), sendo unidimensional, onde os resultados mais elevados correspondem a uma perceção mais positiva da aliança parental. O facto de poder ser aplicado independentemente da situação conjugal ou da pessoa que exerce as funções parentais ser ou não o pai biológico do menor, e ser de acesso livre, são as suas maiores vantagens.

A primeira validação desta escala foi realizada com uma amostra de 512 pais, 321 mães e 191 pais, em conjunto com 78 professores/prestadores de cuidados infantis e apresentou uma consistência interna elevada, com um alfa de Cronbach de .97. Os resultados mostraram diferenças significativas entre as mães casadas, separadas, solteiras ou divorciadas, sendo as mães casadas as que apresentam um índice mais elevado de aliança parental (Abidin & Bruner, 1995). Em França, Rouyer e colegas (2015) procederam à validação do PAI com uma amostra de 202 pais coabitantes da população comunitária francesa. Nesta versão do inventário, foi reportada uma estrutura de quatro fatores após a eliminação dos itens 1, 9 e 14. Os fatores propostos pelos autores dizem respeito às semelhanças na perceção do

desenvolvimento infantil, comunicação e concordância quanto à educação da criança, apoio sentido por parte do outro, e percepção de competência do outro progenitor. Esta validação apresentou bons índices psicométricos, com alta consistência interna e validade de construto (Rouyer et al., 2015). Todavia, a solução fatorial encontrada neste estudo opõe-se à unidimensionalidade originalmente proposta por Abidin e Bruner (1995), pelo que se recomenda a análise psicométrica do PAI com outras estruturas familiares e noutros contextos.

Até à data, que seja do nosso conhecimento, não existe nenhuma versão desta escala validada e publicada para a população portuguesa. Foi apenas identificado um estudo preliminar de validação desta escala, de Pinheiro e Lemos (2013), utilizando uma análise fatorial exploratória com uma amostra de 118 mães da população geral encontrando uma estrutura unidimensional da escala, com valores muito elevados de consistência interna ( $\alpha = .97$ ).

Os objetivos do presente estudo foram analisar e validar através duma análise fatorial confirmatória a versão portuguesa do Inventário de Aliança Parental numa amostra de pais em risco psicossocial. Esperamos demonstrar (1) a estrutura unidimensional do Inventário de Aliança Parental, (2) adequada consistência interna e (3) validade de construto com a medida de avaliação das competências parentais (PSOC) e do stresse parental (PSI-SF), duas dimensões relevantes para o funcionamento familiar.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram 273 famílias de crianças com idades entre os 0 e os 18 anos, residentes no Algarve (Sul de Portugal), abrangidas por medidas de promoção e proteção nas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens devido à existência de situações de risco, sem gravidade suficiente que necessite de afastamento da família. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 19 e os 58 anos de idade ( $M = 37.05$  anos;  $DP = 8.07$ ), com um baixo nível educativo (52% não tinha completado o ensino básico) e eram maioritariamente mães (82%). Os rendimentos familiares mensais eram em média de 935.68€ ( $DP = 544.94$ ). A maioria das famílias era biparental (39%), 31% era reconstituída e 30% monoparental ( $n = 81$ ).

## Instrumentos

Inventário de Aliança Parental (PAI): o PAI é um instrumento de autorrelato que avalia a aliança parental e a relação de apoio e confiança que existe no casal enquanto pais e foi desenvolvido por Abidin e Brunner (1995), cujas características já referimos na introdução. A tradução inicial do inglês para o português foi realizada pelas duas primeiras autoras deste estudo, assegurando a compreensão correta do significado dos itens. O questionário foi novamente traduzido para o inglês por um nativo com considerável experiência profissional em tradução de textos científicos de psicologia. A adaptação cultural foi especialmente considerada, tendo em conta a clareza, o uso da linguagem comum e equivalência conceptual da escala. No presente estudo obtivemos um índice de fiabilidade de  $\alpha = .96$ .

Escala de Competências Parentais Percebidas (PSOC): esta escala foi desenvolvido por Johnston e Mash (1989), com o intuito de avaliar a competência parental percebida pelos pais em 16 itens, que se subdividem em duas dimensões: eficácia como pai/mãe (Eficácia Parental; EP), composta por 7 itens e a satisfação com o papel parental (SP), composta por 9 itens, numa escala de 1 (“não, totalmente em desacordo”) a 6 (“sim, totalmente de acordo”). A Eficácia avalia em que medida os progenitores se sentem competentes no papel de mãe/pai (ex: “Apesar de ser difícil, eu já sei como se pode influenciar os filhos”). A Satisfação avalia em que medida os progenitores se sentem satisfeitos com o seu papel de pai/mãe (ex: “Com a idade que o meu filho tem, ser mãe não é agradável”). Neste estudo, foi utilizada a versão portuguesa de Nunes e colegas (2016) e obtivemos os seguintes índices de fiabilidade:  $\alpha = .74$  para Eficácia e  $\alpha = .70$  para Satisfação parental.

Índice de Stresse Parental – versão reduzida (PSI-SF): este questionário de autorrelato, desenvolvido por Abidin (1995), foi construído para a avaliação do stresse parental. É constituído por 36 itens, numa escala de 1 (“concordo totalmente”) e 5 (“discordo totalmente”) e divide-se em três subescalas: O Distresse Parental (ex: “*Sinto-me limitado/a por causa das minhas responsabilidades como mãe/pai*”), a Interação Disfuncional entre o Cuidador e a Criança (ex: “*Quando faço coisas pelo meu filho tenho a sensação que o meu esforço não é muito apreciado*”) e o grau em que o cuidador avalia o seu filho como uma Criança Difícil

(ex: “*Parece-me que o meu filho chora mais e faz mais barulho do que a maioria das crianças*”). No presente estudo utilizámos a versão portuguesa de Abidin e Santos (2003) e obtivemos os seguintes índices de fiabilidade:  $\alpha = .87$  para o distresse parental,  $\alpha = .80$  para a interação disfuncional entre o cuidador e a criança, e  $\alpha = .84$  para o grau em que o cuidador avalia o seu filho como uma criança difícil.

### **Procedimentos**

Após o estabelecimento de protocolos de colaboração com as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens do Algarve, que intervêm junto destas famílias, os técnicos das instituições colaboradoras selecionaram os progenitores que cumpriam os critérios de inclusão e convidaram-nos a participar no estudo. Posteriormente, entrevistadores treinados para a aplicação dos instrumentos deslocaram-se às instituições para entrevistar os progenitores que tinham concordado em participar. Os participantes foram informados acerca dos objetivos do estudo, do carácter não compensatório da sua participação, da natureza anónima e confidencial das suas respostas e da possibilidade de desistir do estudo em qualquer momento sem que isso representasse quaisquer consequências para eles. Após a assinatura do consentimento informado, os questionários foram aplicados através de entrevista individual entre janeiro e dezembro de 2019. O estudo foi aprovado pelo Conselho Científico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (CC\_55\_20/12/2017).

### **Análise de dados**

Os dados foram analisados com o software SPSS v25 (IBM SPSS, 2017). A análise da estrutura fatorial do Inventário de Aliança Parental foi efetuada no software EQS 6.3 (Bentler & Wu, 2015) com estimativa por Máxima Verosimilhança (ML). Os índices de ajustamento foram calculados através do Qui-quadrado de Satorra-Bentler/graus de liberdade, CFI (Comparative Fit Index), IFI (Incremental Fit Index), RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation). Os valores  $CFI \geq .90$  e  $RMSEA < .10$  indicam um ajustamento adequado; os valores de  $CFI \geq .95$  e  $RMSEA \leq .06$  indicam um ajustamento bom (Byrne, 2013). Um valor de  $IFI \geq .90$  é considerado aceitável. A Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

foi efetuada diretamente nos itens utilizando uma matriz de correlações categoriais e valores de cargas fatoriais  $\geq .45$ .

As correlações de Pearson foram utilizadas para analisar as associações entre variáveis escalares (Knapp, 2017). Foram consideradas correlações fracas as correlações entre 0 e .20, correlações moderadas entre .20 e .50, e correlações fortes acima de .50 (Ferguson, 2016). A consistência interna pelo alfa de Cronbach foi considerada adequada acima de .70 e as correlações item-total corrigidas quando acima de .30 (Tabachnick & Fidell, 2019).

## **Resultados**

### **Análise Descritiva do PAI**

A tabela 1 mostra que os participantes têm uma percepção de aliança parental elevada ( $M = 73.78$ ;  $DP = 20.02$ ). Os índices de assimetria ( $-0.74$ ) e de curtose ( $-0.37$ ) não se afastam muito da normalidade ( $Sk < 3$  e  $Ku < 10$ ). O PAI apresenta uma consistência interna muito elevada ( $\alpha = .96$ ). O valor do alfa de *Cronbach* não se alterava com a exclusão de nenhum dos itens e as correlações entre cada item e a pontuação total da escala oscilaram entre .49 e .87, sendo consideradas adequadas.



**Tabela 1***Análise descritiva do PAI e da capacidade discriminante dos 20 itens originais*

		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Sk</i>	<i>Ku</i>	<i>r</i> item-total corrigida
<b>Item 1</b>	O meu marido aprecia estar a sós com os nossos filhos.	3.58	1.39	-0.67	-0.84	.64
<b>Item 2</b>	Já antes que nascessem os nossos filhos, o meu marido demonstrou-me que confiava que eu poderia ser uma boa mãe.	4.33	0.91	-1.68	3.05	.49
<b>Item 3</b>	Quando há algum problema relacionado com os nossos filhos procuramos juntos boas soluções.	3.73	1.45	-0.90	-0.66	.83
<b>Item 4</b>	O meu marido e eu entendemo-nos bem quando tratamos de temas relacionados com os nossos filhos.	3.62	1.42	-0.77	-0.78	.81
<b>Item 5</b>	O meu marido está disposto a sacrificar-se para atender os nossos filhos.	3.75	1.42	-0.81	-0.73	.82
<b>Item 6</b>	Faço tudo que é possível para falar com o meu marido sobre os nossos filhos.	4.09	1.17	-1.43	1.31	.69
<b>Item 7</b>	O meu marido presta muita atenção aos nossos filhos.	3.75	1.34	-0.90	-0.40	.83
<b>Item 8</b>	O meu marido e eu estamos de acordo nas coisas que deixamos os nossos filhos fazerem ou não.	3.13	1.35	-0.07	-1.28	.63
<b>Item 9</b>	Quando vejo o meu marido fazer alguma coisa com os nossos filhos sinto-me muito unida a ele.	3.64	1.36	-0.77	-0.71	.73
<b>Item 10</b>	O meu marido sabe desenvolver-se bem com as crianças.	3.69	1.40	-0.77	-0.79	.71
<b>Item 11</b>	O meu marido e eu formamos uma boa equipa como pais.	3.67	1.39	-0.76	-0.76	.87

<b>Item 12</b>	O meu marido acha que sou uma boa mãe.	4.26	0.90	-1.31	1.72	.62
<b>Item 13</b>	Acho que o meu marido é um bom pai.	3.99	1.24	-1.17	0.28	.86
<b>Item 14</b>	O meu marido ajuda a tornar mais fácil cumprir com as minhas tarefas de mãe.	3.41	1.55	-0.45	-1.37	.85
<b>Item 15</b>	O meu marido e eu vemos os nossos filhos da mesma maneira.	3.43	1.42	-0.47	-1.12	.73
<b>Item 16</b>	Se tivéssemos que descrever os nossos filhos, eu e o meu marido diríamos praticamente o mesmo.	3.40	1.31	-0.42	-0.96	.70
<b>Item 17</b>	Quando temos que castigar os nossos filhos estamos de acordo sobre o que fazer.	3.11	1.38	-0.14	-1.34	.66
<b>Item 18</b>	Sinto-me bem com o que pensa o meu marido sobre o que é mais adequado para os nossos filhos.	3.57	1.33	-0.66	-0.81	.78
<b>Item 19</b>	O meu marido diz-me que sou uma boa mãe.	3.78	1.32	-0.94	-0.32	.58
<b>Item 20</b>	O meu marido e eu temos as mesmas aspirações para os nossos filhos.	3.88	1.23	-1.01	0.12	.71
<b>Média</b>		73.78				
<b>Desvio-Padrão</b>		20.02				
<b>Mediana</b>		79				
<b>Moda</b>		100				
<b>Mín. –Máx.</b>		20-100				
<b>Sk</b>		-0.74				
<b>Ku</b>		-0.37				

*Nota.* Sk – Assimetria, Ku – Curtose.

### *Análise Fatorial Confirmatória*

Os índices de ajuste revelaram uma boa adequação do modelo unifatorial, sugerindo que podemos assumir esta estrutura interna. Os valores de  $S-B\chi^2/gf$  (2.33), IFI (.99), CFI (.99) e RMSEA (.07), encontram-se dentro dos parâmetros necessários ( $CFI \geq .90$  e  $RMSEA < .10$ ) e indicam um ajustamento adequado. Por seu lado,  $S-B\chi^2/gf < 2$  ou 3 e  $IFI \geq .90$  são considerados aceitáveis (Tabela 2).

**Tabela 2**

*Indicadores da bondade do ajuste do modelo ML do PAI*

<b>PAI</b>	<b>S-<math>B\chi^2/gf</math></b>	<b>IFI</b>	<b>CFI</b>	<b>RMSEA</b>	<b>I.C. (90%)</b>	<b>AIC</b>
Modelo Unifatorial	2.33	.99	.99	.07	.06 – .08	56.54

*Nota.* *ML* = Máxima Verosimilhança; *S- $B\chi^2$*  = Qui-quadrado de Satorra-Bentler; *gf* = Graus de Liberdade; *IFI* = Índice de Ajustamento Incremental; *CFI* = Índice de Ajuste Comparativo; *RMSEA* = Raiz Média dos Quadrados dos Erros de Aproximação; *AIC* = Critério de Informação de Akaike.

Os valores da carga fatorial do modelo unifatorial (Tabela 3) variaram entre .54 (item 2) e .93 (item 13), podendo-se concluir que as variáveis contribuem de forma significativa para a formação do fator.

**Tabela 3**  
*Saturações fatoriais dos itens para o PAI*

PAI	F1
Item 1. O meu marido aprecia estar a sós com os nossos filhos.	.73
Item 2. Já antes que nascessem os nossos filhos, o meu marido demonstrou-me que confiava que eu poderia ser uma boa mãe.	.54
Item 3. Quando há algum problema relacionado com os nossos filhos procuramos juntos boas soluções.	.88
Item 4. O meu marido e eu entendemo-nos bem quando tratamos de temas relacionados com os nossos filhos.	.86
Item 5. O meu marido está disposto a sacrificar-se para atender os nossos filhos.	.89
Item 6. Faço tudo que é possível para falar com o meu marido sobre os nossos filhos.	.75
Item 7. O meu marido presta muita atenção aos nossos filhos.	.90
Item 8. O meu marido e eu estamos de acordo nas coisas que deixamos os nossos filhos fazerem ou não.	.69
Item 9. Quando vejo o meu marido fazer alguma coisa com os nossos filhos sinto-me muito unida a ele.	.81
Item 10. O meu marido sabe desenvencilhar-se bem com as crianças.	.81
Item 11. O meu marido e eu formamos uma boa equipa como pais.	.92
Item 12. O meu marido acha que sou uma boa mãe.	.68
Item 13. Acho que o meu marido é um bom pai.	.93
Item 14. O meu marido ajuda a tornar mais fácil cumprir com as minhas tarefas de mãe.	.91
Item 15. O meu marido e eu vemos os nossos filhos da mesma maneira.	.80
Item 16. Se tivéssemos que descrever os nossos filhos, eu e o meu marido diríamos praticamente o mesmo.	.75
Item 17. Quando temos que castigar os nossos filhos estamos de acordo sobre o que fazer.	.72
Item 18. Sinto-me bem com o que pensa o meu marido sobre o que é mais adequado para os nossos filhos.	.84
Item 19. O meu marido diz-me que sou uma boa mãe.	.67
Item 20. O meu marido e eu temos as mesmas aspirações para os nossos filhos.	.77

*Nota.* F = Factor.

O valor da média das correlações inter-item (.55) foi aceitável, embora ligeiramente acima dos valores recomendados (entre .15 e .50), revelando uma boa homogeneidade dos itens. As correlações corrigidas entre o item e o total (.49 - .87) foram aceitáveis (>.40).

#### *Validade de Construto*

Na tabela 4 podemos observar que existem associações positivas e significativas com ambas as dimensões das competências parentais percebidas (eficácia e satisfação parental), isto é, uma elevada aliança parental está associada a uma elevada competência parental percebida. Observaram-se ainda associações significativas e negativas com todas as dimensões do stresse parental, isto é, uma baixa aliança parental está associada a um elevado stresse parental.

**Tabela 4**

*Validade de construto do PAI*

	<b>PSOC</b>	<b>PSOC</b>	<b>PSI</b>	<b>PSI</b>	<b>PSI</b>
	<b>EP</b>	<b>SP</b>	<b>DP</b>	<b>ID</b>	<b>CD</b>
<b>PAI</b>	.30*	.16*	-.24*	-.20*	-.16*
<b>M (DP)</b>	4.47(0.85)	3.69(0.86)	32.50 (9.15)	26.59 (8.16)	31.87 (9.71)

*Nota.* \* $p < ,01$ , PAI – Inventário de Aliança Parental, PSOC - Escala de Competências Parentais Percebidas, PSI - Índice de Stresse Parental, EP – Eficácia Parental; SP – Satisfação Parental; DP – Distresse Parental; ID – Interação Disfuncional; CD – Criança Difícil

#### **Discussão**

A presente investigação teve como principal objetivo examinar as características psicométricas do Inventário de Aliança Parental (Parenting Alliance Inventory, PAI) numa amostra de famílias em risco, de modo a facilitar o conhecimento acerca da validade e fiabilidade da medida quando aplicada a uma população com maiores desvantagens a nível psicossocial.

Os resultados obtidos através da Análise Fatorial Confirmatória realizada denotam uma estrutura fatorial unidimensional que vai de encontro à escala original

proposta por Abidin e Brunner (1995). A solução fatorial encontrada demonstrou indicadores psicométricos favoráveis, com bom ajuste do modelo de 1 fator. Estes dados suportam a confiabilidade da estrutura unifatorial original, contrariando a versão de quatro fatores encontrada pela validação francesa do instrumento, aplicada a uma amostra da comunidade (Rouyer et al., 2015).

Além disso, verificam-se correlações inter-item adequadas e elevada consistência interna, com valores de fiabilidade aceitáveis sem que fosse necessário eliminar qualquer item. Assim, torna-se passível de concluir que o PAI apresenta uma boa adequação à população em estudo, compondo-se como uma medida fiável para a avaliação da aliança parental de famílias portuguesas em risco psicossocial, tal como na investigação de Ayala-Nunes e colegas (2014).

No que diz respeito aos valores médios de aliança parental reportados pela amostra, as famílias incluídas neste estudo apresentaram um índice de aliança parental ligeiramente acima da média da escala, o que se opõe à possível expectativa teórica de que os sujeitos em risco psicossocial pudessem experimentar baixos níveis de aliança parental, devido às situações stressantes e às relações conjugais problemáticas que o contexto adverso propicia (Camisasca et al., 2019). Estes resultados podem ser explicados pelo apoio social prestado a estas famílias, que poderá estar a agir como um fator protetor e redutor do stresse parental (Coelho & Ribeiro, 2000; Wills & Shinar, 2000).

Não obstante, a média relatada pelos nossos participantes foi inferior à dos estudos de Abidin e Brunner (1995) com uma amostra da comunidade e de Menéndez e colegas (2010) e Hidalgo e colegas (2009), com famílias espanholas em risco. Já nas investigações desenvolvidas no contexto português, encontram-se pontuações igualmente mais baixas e semelhantes aos encontrados na nossa amostra (Ayala-Nunes et al., 2014), embora tal se verifique maioritariamente em famílias monoparentais (Pinheiro & Lemos, 2013). Estes dados parecem sugerir que as famílias portuguesas em risco psicossocial apresentam uma perceção de aliança parental mais baixa do que outras populações, com uma sensação de menor suporte por parte do companheiro no que diz respeito ao cuidado da criança e a outras tarefas relacionadas com a parentalidade, do que a população geral. Neste sentido é importante trabalhar com estas famílias a aliança parental e os seus

---

componentes, uma vez que esta tem influência no ajustamento das crianças (Camisasca et al., 2019), podendo atenuar a situação de risco em que estas vivem.

Relativamente à análise de validade de construto, os resultados encontrados demonstram uma associação positiva significativa entre a aliança parental e a perceção de competências parentais. Tal como comprovado por estudos anteriores (e.g., Kwan et al., 2015), os pais que pontuam para altos níveis de aliança parental apresentam também uma maior perceção de competência no desempenho do papel parental, corroborando a existência de uma relação de influência mútua entre estes dois constructos, em que uma maior cooperação dos progenitores está associada a maior sentido de eficácia no exercício da parentalidade (Flouri, 2005; Merrifield & Gamble, 2013). No sentido oposto, o PAI apresentou uma relação negativa significativa com a medida de stresse parental, confirmando a sua validade de construto. Conforme reportado por Abidin e Brunner (1995) e Rouyer e colegas (2015), uma perceção de baixa aliança parental está interligada a maiores níveis de stresse nos pais, realçando a necessidade de ter em consideração o construto de aliança parental aquando da avaliação do funcionamento familiar. Esta avaliação é ainda mais urgente em famílias em risco psicossocial, cujo contexto adverso apresenta, por si só, múltiplos fatores de stresse que devem ser alvo de intervenção (Ayala-Nunes et al., 2014; Menéndez et al., 2016).

Em suma, as conclusões do nosso estudo permitem afirmar que o PAI apresenta boas características psicométricas, com alta confiabilidade e adequação à população de famílias em risco do contexto nacional português. Desta forma, comprova-se a utilidade desta medida para a exploração do construto unidimensional de aliança parental a par de outras variáveis implicadas no funcionamento do sistema familiar. O PAI é um instrumento de fácil aplicação e interpretação, que poderá ser vantajoso não só para a exploração científica desta dimensão, mas também para técnicos e profissionais dos programas de intervenção e preservação familiar (Nunes et al., 2019; Rubio et al., 2021).

Como proposta de investigações futuras, sugere-se a replicação deste estudo com uma amostra mais ampla, que contemple famílias portuguesas de todas as regiões do país e procure incluir mais progenitores do sexo masculino. Paralelamente, seria pertinente explorar as diferenças entre tipos de amostra (população em risco e

da comunidade) e considerar a possível variabilidade da escala em distintas composições familiares (e.g., biparental, monoparental, reconstituída). Além disso, apela-se à necessidade de recorrer a outros métodos de análise como o teste-reteste ou a análise item-a-item.

**Agradecimentos:** Este estudo foi financiado por fundos nacionais no âmbito do projeto CIP (Ref<sup>a</sup> UIDB/PSI/04345/2020).

## Referências

- Abidin, R. R. (1995). *Parenting stress index: Manual* (3rd ed.). Psychological Assessment Resources.
- Abidin, R. R., & Brunner, J. F. (1995). Development of a parenting alliance inventory. *Journal of clinical child psychology*, 24(1), 31-40.  
[https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2401\\_4](https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2401_4)
- Abidin, R. R., & Konold, T. R. (1999). *PAM: Parenting Alliance Measure: professional manual*. Psychological Assessment Resources.
- Abidin, R. R., & Santos, S. V. (2003). *Índice de stress parental–Manual*. Cegoc-TEA.
- Ayala-Nunes, L., Hidalgo, G. M. V., Jimenez, L., & Jesus, S. N. (2016). Psychosocial Profile of Spanish and Portuguese Family Preservation Users: an Analysis of Needs and Intervention Clues. *Journal of Spatial and Organizational Dynamics*, 4(1), 81–101.  
<https://ideas.repec.org/a/ris/jspord/0068.html>
- Ayala-Nunes, L., Lemos, I., & Nunes, C. (2014). Predictores del estrés parental en madres de familias en riesgo psicosocial. *Universitas Psychologica*, 13(2), 529–539. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY13-2.pepm>
- Ayala-Nunes, L., Nunes, C., & Lemos, I. (2014). Parenting alliance among mothers of psychosocially at-risk families. *Discussion Papers - Spatial and Organizational Dynamics*, 13, 18-30.  
<http://www.cieo.pt/discussionpapers/13/article2.pdf>
- Ayala-Nunes, L., Nunes, C., & Lemos, I. (2017). Social support and parenting stress in at-risk Portuguese families. *Journal of Social Work*, 17(2), 207-225.  
<https://doi.org/10.1177/1468017316640200>
- Barreto, M., Koltermann, J. P., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2019). Empirical evidence on the relationship between coparenting and temperament: A systematic review of the literature. *Trends in Psychology*, 27(4), 865–878.  
<https://doi.org/10.9788/TP2019.4-04>



- Behnke, A. O., MacDermid, S. M., Coltrane, S. L., Parke, R. D., Duffy, S., & Widaman, K. F. (2008). Family Cohesion in the Lives of Mexican American and European American Parents. *Journal of Marriage and Family*, 70(1), 1045–1059. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2008.00545.x>
- Belsky, J., & Jafee, S. R. (2015). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds), *Developmental psychopathology: Risk, disorder, and adaptation* (2nd ed., Vol. 3, pp. 38–85). Wiley Online Library.
- Bentler, P., & Wu, E. (2015). *Supplement to EQS 6.3 for Windows user's guide*. Multivariate Software.
- Byrne, B. M. (2013). *Structural equation modeling with EQS: Basic concepts, applications, and programming*. Routledge.
- Camisasca, E., Miragoli, S., Di Blasio, P., & Feinberg, M. (2019). Co-parenting Mediates the Influence of Marital Satisfaction on Child Adjustment: The Conditional Indirect Effect by Parental Empathy. *Journal of Child and Family Studies*, 28(2), 519–530. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1271-5>
- Camisasca, E., Miragoli, S., Caravita, S., & Di Blasio, P. (2015). The parenting alliance measure: The first contribution to the validation of the measure in Italian mothers and fathers. *TPM - Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, 22(1), 71–95. <https://doi.org/10.4473/TPM22.1.6>
- Coelho, M., & Ribeiro, J. (2000). Influência do suporte social e do coping sobre a percepção subjectiva de bem-estar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 1(1), 79–87. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6706/2/82383.pdf>
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173–195. <https://doi.org/10.1023/A:1019695015110>
- Ferguson, C. J. (2016). *An effect size primer: A guide for clinicians and researchers*. In A. E. Kazdin (Ed.), *Methodological issues and strategies in clinical research* (pp. 301–310). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14805-020>
- Flouri, E. (2005). *Fathering and child outcomes*. John Wiley & Sons.
- García-Méndez, M., Rivera-Aragón, S., Reyes-Lagunes, I., & Díaz-Loving, R. (2006). Construcción de una escala de funcionamiento familiar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación*, 2(22), 91-110. <https://www.redalyc.org/pdf/4596/459645449006.pdf>
- Gonçalves, C. D., Carmo, A. C., Nedyalkova, E., & Cavaco, R. (2019). A ausência familiar: uma realidade do mundo atual. *Revista Multidisciplinar*, 1(2), 65-75. <https://doi.org/10.23882/MJ1919>
- Hidalgo, M. V. G., Menéndez, S. A., Sánchez, J., Lorence, B., & Jiménez, L. (2009). La intervención con familias en situación de riesgo psicosocial: Aportaciones desde un enfoque psicoeducativo. *Apuntes de Psicología*, 27(2-3), 413-426. <https://www.apuntesdepsicologia.es/index.php/revista/article/view/155>

- IBM SPSS. (2017). *IBM SPSS Statistics base 25*. SPSS.
- Johnston, C. & Mash, E. J. (1989) A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18(2), 167–175. [https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1802\\_8](https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1802_8)
- Knapp, TABELA. (2017). *Intermediate statistics using SPSS*. Sage Publications.
- Kwan, R. W. H., Kwok, S. Y. C. L., & Ling, C. C. Y. (2015). The moderating roles of parenting self-efficacy and co-parenting alliance on marital satisfaction among Chinese fathers and mothers. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3506–3515. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0152-4>
- Lamela, D., Castro, M., & Figueiredo, B. (2013). Parenting alliance measure: A Portuguese validation and development of a short-form version. *Revista de Psiquiatria Clinica*, 40(6), 215–219. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000600002>
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A Link Between Marital Conflict and Parenting in Two-Parent Families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3–21. <https://doi.org/10.1037//0893-3200.15.1.3>
- McDaniel, B. T., Teti, D. M., & Feinberg, M. E. (2017). Assessing Coparenting Relationships in Daily Life: The Daily Coparenting Scale (D-Cop). *Journal of Child and Family Studies*, 26(9), 1–16. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0762-0>
- Merrifield, K. A., & Gamble, TABELA. C. (2013). Associations Among Marital Qualities, Supportive and Undermining Coparenting, and Parenting Self-Efficacy: Testing Spillover and Stress-Buffering Processes. *Journal of Family Issues*, 34(4), 510–533. <https://doi.org/10.1177/0192513X12445561>
- Menéndez, S., Hidalgo, V., Jiménez, L., Lorence, B., & Sánchez, J. (2010). Perfil psicosocial de familias en situación de riesgo. Un estudio de necesidades con usuarias de los Servicios Sociales Comunitarios por razones de preservación familiar. *Anales de Psicología*, 26(2), 378–389. <https://revistas.um.es/analesps/article/view/109381>
- Menéndez, S., Hidalgo, M. V., Lorence, B., & Pérez, J. (2016). Assessing the level of risk of families supported by Child and Family Protection Services: Practitioners and mothers as informants. *Journal of Social Work*, 16(5), 595–609. <https://doi.org/10.1177/1468017315583174>
- Menéndez, S., Jiménez, L. & Hidalgo, V. (2011). Estructura factorial de la escala PSOC (parental sense of competence) en una muestra de madres usuarias de servicios de preservación familiar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 32(2), 187–204. [https://www.aidep.org/03\\_ridep/R32/r32art9.pdf](https://www.aidep.org/03_ridep/R32/r32art9.pdf)
- Morrill, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Córdova, J. V. (2010). Pathways between marriage and parenting for wives and husbands: The role of coparenting. *Family Process*, 49(1), 59–73. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x>

- Nunes, C., Ayala-Nunes, L., Martins, C., & Gonçalves, A. (2019). As famílias em risco psicossocial no Algarve. In C. Nunes & L. Ayala-Nunes (Coords.). *Famílias em risco. Avaliação e intervenção psicoeducativa* (pp. 127-145). Silabas e Desafios.
- Nunes, C., Jiménez, L., Menéndez, S., Ayala-Nunes, L., & Hidalgo, V. (2016). Psychometric properties of an adapted version of the parental sense of competence (PSOC) scale for Portuguese at-risk parents. *Child & Family Social Work, 21*(4), 433-441. <https://doi.org/10.1111/cfs.12159>
- Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2015). Adaptação portuguesa do questionário de coparentalidade: análise fatorial confirmatória e estudos de validade e fiabilidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 28*(1), 116–125. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528113>
- Pinheiro, M. D., & Lemos, I. (2013). *Estudo preliminar de validação da escala de aliança parental (parenting alliance inventory)*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Algarve.
- Rocha, B. & Nunes, C. (2022). O uso de dispositivos eletrónicos por crianças dos 0 aos 5 anos de idade. *Revista Multidisciplinar, 4*(1), 5-13. <https://doi.org/10.23882/MJ2268>
- Rodrigo, M. J., Martín, J. C., Máiquez, M. L., & Rodríguez, G. (2007). Informal and formal supports and maternal child-rearing practices in at-risk and non-at-risk psychosocial contexts. *Children and Youth Services Review, 29*(3), 329-347. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2006.03.010>
- Rouyer, V., Huet-Gueye, M., Baude, A., & Mieyaa, TABELA. (2015). Presentation of the French adaptation of the Parenting Alliance Inventory: Issues in defining and measuring coparenting. *Family Science, 6*(1), 194–200. <https://doi.org/10.1080/19424620.2015.1082051>
- Rubio, F. J., Jiménez, C., & Trillo, M. P. (2021). Educación y crianza de los hijos. Detección de necesidades socioeducativas y formativas de los progenitores. *Revista Española de Pedagogía, 79*(279), 249-267. <https://doi.org/10.22550/REP79-2-2021-08>
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2019). *Using multivariate statistics* (7th ed.). Pearson Education.
- Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting, 10*(4), 286–307. <https://doi.org/10.1080/15295192.2010.492040>
- Wills, T. A., & Shinar, O. (2000). Measuring perceived and received social support. In S. Cohen, L. Gordon, & B. Gottlieb (Eds.), *Social support measurement and intervention: A guide for health and social scientists* (pp. 86–135). Oxford University Press.